

Sétimo Encontro.

Daniel Paola. (Escola Freudiana de Buenos Aires)

1. Como pode ser entendido o efeito de um encontro entre Associações da Convergência? A primeira afirmação é que não se trata apenas de um encontro entre Instituições. A palavra Associação consta da Ata Fundacional da Convergência, porque há certas Escolas que não se chamam a si mesmas de Instituições. A palavra Associação abrange Instituições, Escolas, Fundações ou Agrupamentos de Cartéis.

Os encontros que levamos a cabo nos colóquios, nos congressos ou nas Jornadas da Convergência, apresentam uma dupla instância. Por um lado, implicam a contingência, por extensão do imaginário coletivo que, em fato real, produz um efeito simbólico. Por outro, eles descobrem a necessidade de produzir um debate sobre a versão para o padre ou *père-version*, enraizada na intenção subjetiva implícita no porquê da escolha de uma determinada Associação que visa para uma abertura como vazio.

2. O sujeito do inconsciente sempre se encontra no contrapé. Não há nenhuma facilidade para seu encontro salvo no corte que instaura o analista, com a interpretação que devém um contrapé do interpretado, porque a metáfora encontrada é sempre outra que a suposta.

¿E quando advém o fim de análise, que acontece com o sujeito do inconsciente? ¿Busca augúrios como os sacerdotes de Roma no voo e canto das aves? ¿Podemos dizer que o discurso do analisando se exclui por completo da versão para o pai? ¿Ou pelo contrario, aceita que é impossível sustentar um discurso livre de predicação?

Do meu lado, afirmo em nome próprio, que é impossível se libertar de certos S1, aos quais se retorna quando o sintoma exclui por completo o sentido. Assim, deste modo, ele retorna graças à forclusão de sentido diferente, a partir do real, como augúrio de uma identificação impensada associada ao S1 que persiste no S2 do narcisismo secundário.

3. Retornando à versão do pai que me incumbe: na aula de 20/06/64 do Seminário 11, Lacan deixa uma pergunta sem resposta. Ali ele diz: “...no que diz respeito à saída do analisando, depois da localização do sujeito com relação ao objeto a, a experiência da fantasia fundamental se torna pulsão...”

Cabe-me perguntar: por que uma fantasia se torna pulsão? Esta conversão está suspensa antes do fim da análise, não sendo nem conversão nem *Aufschub*? Em tal sentido, existe um circuito para a clínica da pulsão depois de atravessar o fantasma?

Sem necessidade de julgar nem de nomear ao acaso, eu retorno a Lacan quando no *Momento de Concluir* faz referência a que no social se trata de um “*tecido histórico*”. Nesse sentido cito o desdobramento da “*encruzilhada de bandas*”. (aula de 14/03/78)

A pergunta que se abre neste tecido é a seguinte: ¿sempre vai haver um gozo fálico por mais que a redução seja a máxima tolerável para cada sujeito do inconsciente? ¿Nunca vamos a poder nomear o real, mas sua jaculatória versada no real-imaginário-simbólico? ¿Não é possível apresentar só uma clínica do real?

4. O gozo fálico apresenta um devir que faz um tecido de toros como agrupamento social. Se aceitamos, claro, que se houvesse outro gozo diferente do fálico, seria necessário que não fosse esse. Entre o *Um* e o *Dois*, considerando a estrutura significativa enquanto números reais, fazemos um jogo em psicanálise: o que eu te ofereço pode transformar-se. O *Um* pode

transformar-se no *Dois*, e o *Dois* no *Um*.

Neste círculo de cordas, “*encruzilhada de bandas*” o Outro está barrado, razão pela qual resta realizar uma substituição de quatro de acordo com Lacan, nos quatro discursos, mas também nos objetos da pulsão. Há um ponto onde se o Outro for barrado, $S(\mathcal{A})$, há uma possibilidade de fazer um tecido do discurso.

Quando Lacan passa do atravessamento do fantasma para uma série de quatro discursos, já o Outro está barrado arribando ao campo da pulsão, e diz: “*estes objetos são reclamados como substitutos do outro imaginário e convertidos em causa de desejo*”. Esses objetos que persistem depois que o Outro foi barrado indicam que há um tecido de pulsões que se entremisturam para formalizar uma série. Por causa do desejo e proporcionado pela pulsão, estabelece-se o desenvolvimento de um tecido no qual o corte volta ao toro. (Esq. IV)

5. Passo a relatar um efeito subjetivo de uma analisando. Quando falamos de clínica da pulsão, o fazemos falando, segundo o seminário *L’insu...*, da *psartícula*, como a mínima expressão do inconsciente que de modo algum eu estabeleço como letra sem advertir que está revestida de um real-simbólico-imaginário. Vou contar-lhes uma história de análise onde uma palavra encontra um efeito de sentido em transferência. Cada sessão, às vezes, se reduz apenas ao encontro de uma palavra com efeito de sentido.

Depois da elaboração de uma série de sonhos, o que esta analisando considerava mais importante era encontrar a palavra *destapar*. Isso incluía que *destapava* sua vergonha, que *destapava* seu proceder social. E o que tinha acontecido? Um filho dela tinha partido de Buenos Aires para estudar no exterior e ela, como mãe, havia ficado muito irritada, embora depois tivesse voltado a sua cidade natal.

Ao analisar sua irritação, a analisando enfrentava o momento em que ela, da mesma forma que seu filho, tinha partido para o exterior. Mãe e filho tinham feito o mesmo: residir durante certo tempo fora do lugar de origem. Portanto, a analisando efetivamente se identificava com ela mesma.

Com toda a dor que lhe provocava e sabendo a história de sua mãe que também havia deixado de dirigir-lhe a palavra, concluiu que às vezes não se pode falar por vergonha. Às vezes há tanta vergonha que é melhor não falar. Então a analisando, como mãe, calou. Cai a mãe no ponto onde ela, como analisando, deve aceitar que para seu filho também Buenos

Aires ficou pequeno, como para ela tinha ficado pequena sua cidade natal.

O assunto é que ela decide quebrar sua vergonha porque não quer continuar estando irritada com seu filho e nesse ato a mãe cai. Mas ao mesmo tempo se *destapa* para escrever cada vez melhor e explode sua escrita *tapada* pela vergonha.

6. O que quero mostrar é que uma só palavra com efeito de sentido descobre um tecido que adquire dimensão para cada uma das circunstâncias de sua vida. E qual é a posição em relação ao desejo? A mãe da analisando tinha calado para não mandar a filha para a merda. A espécie de objeto anal está impedindo o desenvolvimento de um tecido pulsional e sua queda revela o dom. Há outra pintura da pulsão, que é o dom. Uma coisa é jogar fora o objeto anal e outra coisa é torná-lo causa do desejo e transformá-lo em um dom. O dom é o que está no objeto e no orifício, como mostra a “*encruzilhada de bandas*”. Esse dom coloca por sua vez outra visão sobre a situação.

7. Uma só palavra faz um tecido que Lacan chamou *tecido tórico*. É um tecido porque é uma série, que nem qualquer corte determina que se desarme. Às vezes é só com uma palavra que tem efeito de sentido como é construído esse tecido.

Há uma clínica da pulsão onde o *objeto a* continua funcionando como causa do desejo. Mas o mais importante não é encontrar o *objeto a*, mas o efeito da pulsão, porque é *objeto a* se perde.

O *objeto a* pode ser fracionado em quatro espécies que podem cair e isso é uma possível clínica da pulsão levando em conta as letras que nos impactam, que são o efeito dessa *psartícula* inconsciente, como Lacan propôs. O mais importante é a palavra sob efeito de sentido em transferência, mas não do *objeto a*. O *objeto a* continua existindo, logicamente. Para nossa clínica em extensão e em intensão.

Quando se produz um luto por *objeto a*, o mais importante é a palavra como efeito de sentido que envolve a letra real-simbólica e imaginária em função de um corpo que fala como eco. O inconsciente persiste para além deste luto.

Este encontro poderia existir uma e outra vez, para dar conta de um retorno a Lacan, que já nos antecipou um luto do *objeto a*, em prol de privilegiar a pulsão como novo destino para uma clínica do real.

